

Editorial

Hoje, mais do que nunca, um educador tem o dever de possibilitar, nas relações pedagógicas, a invenção de práticas de resistência às múltiplas formas de violência, alienação e exclusão do mundo globalizado. Práticas emancipadoras, que apontem para relações sociais criativas, fundadas na ética e orientadas à liberdade. A presente edição da **Revista Arqueiro** traz até você artigos e matérias que atualizam esse debate, com base em experiências verificadas no âmbito da Educação de Surdos.

Em *Sentindo na Pele...*, Amélia Bastos, Caroline Prolla, Jussara Pedroso e Karina Molon mostram que as leis e a afirmação política da Escola para Todos não vencem, sozinhas, o desconhecimento e o preconceito — é preciso envolver a comunidade escolar na construção da educação inclusiva.

No texto *O Conceito de 1ª e 2ª Línguas...*, Alessandra Lima fala-nos de sua pesquisa, que visa captar e analisar as percepções de alunos surdos em relação à proposta de educação bilíngüe do INES.

No artigo *Um Outro Mundo é Possível...*, Simone Conforto mostra professores e alunos fazendo um exercício de si, individual e coletivamente, como sujeitos históricos, capazes de ler e de (re)escrever o mundo.

Da Reta ao Plano..., de Maria Isabel Thompson, traz à cena o corpo localizado numa estrutura em que se administram distâncias e se possibilitam contatos; em que a ação desloca as pessoas de onde estavam e as aproximam do outro e de um novo lugar nas relações; em que a recordação da experiência vivida ajuda a entender o presente. Não é pouco, para uma aula sobre o Plano Cartesiano, com alunos surdos — a Matemática, Ciência Exata, fica mais Humana.

O ensaio *Leituras e Releituras...*, de Regina Celeste, vê as relações entre o mundo, a literatura e o teatro sob uma perspectiva crítica e emancipadora: Que mundo o texto nos comunica? O que a nossa comunicação com o mundo, via texto, pode criar? O surdo também pode ser a(u)tor do mundo, “com seu poder de palavra e seu poder de silêncio” (Drummond).

Laurinda Valle e Mônica Campello, no relato sobre a *I Mostra de Material Lúdico*, tratam de compartilhamento, criatividade, desco-

berta de possibilidades — o trabalho sério das profissionais do INES e das estagiárias encontra a brincadeira das crianças surdas.

No texto *Arte e Inclusão Sociocultural...*, Maria Quixaba trata da diversidade como eixo de possibilidades, na consciência e criação do corpo individual e do corpo coletivo, por meio da música, da dança, do teatro.

Em *Educação Matemática de Surdos...*, Janine Oliveira exemplifica a passagem de um enfoque, segundo o qual o aluno surdo seria um problema, para outro, em que a problematização da relação pedagógica abre espaço para sua recriação.

Por fim, o NOSS apresenta sua proposta no campo da Saúde Sexual do Surdo: especialistas ouvintes e profissionais surdos reforçam a importância de reconhecer e respeitar a si a ao outro e de compartilhar vivências e informações no exercício saudável da sexualidade.

Textos para ler, reler, discutir — experiências para “ressignificar”, como dizia Paulo Freire, de acordo com a realidade e as possibilidades de cada escola. É esse o nosso propósito. Esperamos que você também escreva para **Arqueiro**, descrevendo e discutindo sua experiência no campo da Educação de Surdos. Boa leitura!

Alexandre Guedes Pereira Xavier